

CATTANEI, Elisabetta. *Entes matemáticos e Metafísica – Platão, a Academia e Aristóteles em confronto*. Trad. do italiano de Fernando S. Moreira, Ed. Loyola, São Paulo, 486 págs.

Confrontar dois poderosos da Filosofia - Platão e Aristóteles – é difícil. Se o confronto elege a questão dos entes matemáticos nas duas reflexões, isso se torna duas vezes mais difícil. Elisabetta Cattanei é audaz: enfrenta a reflexão sobre o estatuto dos entes matemáticos nas duas filosofias, sua relação com a Física e a Metafísica. Saiu-se muito bem. Ademais, é uma empreitada corajosa, uma decisão firme da editora Loyola em traduzir e lançar este livro aqui, no Brasil, para um público muito específico e de pequeno número. Que as bibliotecas atentem a essa obra. Que os estudiosos de Filosofia grega não a dispensem.

A autora é analítica, vai tecendo seus comentários ponto a ponto, exaustivamente, primeiro ao evidenciar as colocações aristotélicas sobre os entes matemáticos como intermediários ou não, se são “seres” no rigor do termo, e as críticas que o estagirita endereça à Academia. Depois, adentra nas colocações platônicas, que expõem os entes matemáticos como seres de fato, mostrando a hierarquia construída pelo filósofo quanto aos “modos do ser, ser”, digamos assim.

A obra, dividida em dez capítulos, tem dois prefácios: de Imre Toth (introdutor da autora nos estudos mate-

máticos) e de Thomas Szlezák, conhecido intérprete de Platão mais próximo à chamada Escola de Tübingen (da qual a autora também se aproxima pela via milanesa de Giovanni Reale, de quem foi aluna). Nos dez capítulos, Cattanei analisa o *status* das ciências matemáticas do tempo de Platão e Aristóteles, a diferença conceitual entre o sensível e o matemático e deste com a Metafísica.

A autora não se contenta, em sua investigação, em comparar e comentar os textos da Academia (Xenócrates e Espeusipo além do próprio Platão). Foi estudar matemática para compreender melhor o significado desse saber naquela época, familiarizar-se com as colocações de Euclides e seu elementos, para explicitar o que é linha, ponto, superfície, ângulo e o que significa esse estudo para a Filosofia dos dois grandes filósofos em confronto. Cuidadosa nas fontes primárias, tenaz nas fontes secundárias, Cattanei presenteia o estudioso atento de Filosofia Antiga, uma vez que, segundo ela mesma diz, a Filosofia e a Matemática sempre estão juntas, desde o princípio. Uma “namora” a outra. Será? Ou, eu diria, se os matemáticos não estão enamorados da Filosofia, esta, sim, vive enamorada da Matemática, desde sua origem.

O ponto nuclear de sua investigação parece estar na discussão entre Xenócrates, Platão e Espeusippo, as ressonâncias da teoria pitagórica na filosofia platônica relativamente às matemáticas, e a crítica aristotélica a essa herança. As idas e vindas à *Metafísica* de Aristóteles são constantes, uma vez que o estagirita noticia, em inúmeras passagens de seus textos, certa leitura dos princípios platônicos pela via do Uno e da Díada, de sabor pitagórico, que Platão não explicita nos diálogos, mas é claro nessas notícias, a dar-se crédito às compilações feitas posteriormente dessa obra marcante para o Ocidente que é a *Metafísica*. Essas notícias criam um *corpus* consignado como pertinente às “doutrinas não-escritas” de Platão, como se sabe.

Claro que a questão do “número irracional”, negado pela escola pitagórica, está no centro das reflexões dessa época, o que a autora recolhe com especial cuidado. Diz, à pág. 223, por exemplo:

“...A Aritmética pitagórica tem consciência plena, dramática, da contradição fundamental que a atravessa, e pretende resolvê-la com uma regulamentação semântica, compartilhada também por Aristóteles, por força da qual o número fracionário e o *lógos* são expulsos do universo dos números. Percorrida por fortes tensões, a mais antiga ciência do número exila a contradição que fica, todavia, em seus confins, apenas além, mas nas proximidades, de seu princípio”.

Ora, sabem os platonistas da importância desse assunto para a doutrina

platônica, principalmente para aquela exposta nos seus últimos diálogos. Evidentemente, em se falando da Matemática e de Platão, somos levados à Musicologia, abordada pela autora por tratar-se do campo da harmonia teórica que “...é uma relação de números”, como aponta ao citar a *Metafísica* N, 5 de Aristóteles. E faz notar, mesmo que com rapidez, a questão que daí emerge quanto aos primeiros passos da Ótica e da Mecânica, “...disciplinas fisico-matemáticas recém nascidas na época de Aristóteles” (pág.241), e que não têm, ao menos aparentemente, precedentes pitagóricos e platônicos (ao menos nominalmente, eu diria).

A pergunta sobre o papel das matemáticas como saber intermediário entre o físico e o metafísico tem um coramento interessante no texto de Cattanei: um estudo especial sobre a Alegoria da Linha, exposta na *República* de Platão (509 spts). Esta passagem parece deixar clara a especificidade das matemáticas como seres intermediários, questão muito bem aprofundada pela autora. Mais ainda, crê Cattanei que há uma matemática pitagórica conservada nos *Elementos*, de Euclides, “... em que os números são reconduzidos ao par e ao ímpar”, matemática à qual Platão faria referência já no diálogo *Parmênides* (pág.252). Evidentemente, os platonistas estarão curiosos para aprofundar este ponto. Apesar de Elisabetta Cattanei não se fixar em nenhum diálogo platônico em particular, passeia por alguns e deixa muitas sementes para verticalizar reflexões importantes para a compreensão do que é a Filosofia de Platão.

A finalização de sua obra – fundamental para quem quer sair da superficialidade na leitura das duas filosofias, a de Platão e a de Aristóteles – focaliza problemas como as dimensões geométricas e o ponto (“dogma dos geômetras”, como diz), se os números são anteriores às grandezas, qual a relação das matemáticas com a Beleza e a Bondade, idéias supremas para Platão.

Não é demais citar o último parágrafo de seu livro. A analista Elisabetta Cattanei consegue sintetizar o que pretendeu e podemos ter melhor idéia do significado de seu texto para os estudos de Filosofia Grega Antiga:

“...Eu disse que Aristóteles, negando que os entes matemáticos sejam pertencentes ao hiperurânio platônico, inicia uma própria, nova, *apologia pro mathematica*. Mas, inesperadamente, termina por defender uma opinião de Platão, especialmente contra Espeusipo, e em certa medida também contra Xenócrates: os entes matemáticos e seus princípios não são a suprema realidade, a suma beleza e o sumo bem”.

Instigante investigação, certamente.

Rachel Gazolla (PUC-SP)
rachelgazolla@ajato.com.br